







**Revista de Imprensa**

**Traça Madragoa**

**Quarta-feira, 18 de Outubro de 2017**

## INDICE

Título	Fonte	Data	Pág./Hora	
<b>Pelas ruas da Madragoa, os velhos filmes lá de casa reinventam-se</b>	<b>Público</b>	<b>14-10-2017</b>	<b>32</b>	
<b>Arquivos familiares em exibição</b>	<b>Destak</b>	<b>13-10-2017</b>	<b>2</b>	
<b>Artistas esmiuçam arquivos familiares de gente de Lisboa</b>	<b>Diário Notícias</b>	<b>13-10-2017</b>	<b>37</b>	
<b>História(s) são todas</b>	<b>i</b>	<b>13-10-2017</b>	<b>34/35</b>	



# Pelas ruas da Madragoa, os velhos filmes lá de casa reinventam-se

São olhares da Madragoa gravados em películas. A Traça – 2.<sup>a</sup> Mostra de Filmes de Arquivos Familiares – está na rua para construir um mapa da cidade desenhado por memórias de quem nem sempre teve voz na História

**Lisboa**  
**Cristiana Faria Moreira**

A Rua de São Félix tem calçada e carros estacionados dos dois lados. Da janela a dona Maria Manuela, que usa calças pretas com vinco e sapatos cinzento claro fechados, vê a vizinha a estacionar o carro e acenar-lhe. Conversam sobre o prédio em ruínas ali ao pé que haverá de ser mais um *hostel*. Mas nesta rua também há miúdos, cocó de cão e uma trepadeira farfalhada. E há muitas histórias de vida, das que podem até nem fazer História mas que dão vida a uma cidade.

Esta é a Rua de São Félix, onde ainda mora Maria Manuela Sousa, “que já deve ter entrado nos 70” aos olhos da artista Raquel André. Entre os filmes em Super 8 que a Dona Manuela entregou ao Arquivo Municipal de Lisboa – Videoteca, e que tinham sido filmados pela mãe, a artista “conectou-se” com a película daquela rua.

A uma hora tardia de uma noite de domingo e com um quadro de ardósia e giz, a artista começou a “criar esse imaginário de como seria se a dona Maria Manuela filmasse a rua”. É isso que vemos na peça que Raquel preparou para a segunda edição da mostra de cinema amador e familiar da Traça, que saiu ontem à rua para aí ficar até amanhã.

Este ano, o bairro da Madragoa é o epicentro da “cidade imaginada pelos filmes de família na cidade real”, dizem as organizadoras da mostra, Inês Sapeta Dias e Fátima Tomé. Para, mais uma vez, “abrir a escrita da história a quem normalmente não tem acesso e contrapor à história oficial a história dos pequenos acontecimentos, dos gestos e da vida das pessoas”, diz Inês.

A mostra arrancou ontem com um passeio pelo bairro com filmes de origem desconhecida, em emissão contínua, que vão ser exibidos em espaços como o Regimento de Sapadores de Bombeiros, Esperança Atlético Clube ou Vendedores de Jornais Atlético Clube, Torrefacção Flor da Selva ou o Lavadouro das Francesinhas.

O que é que se escolhe para ficar



As películas familiares são aproveitadas para as criações artísticas

como arquivo? Quanto disto é realidade? Quanto disto são realidades atraídas pela memória?

“Aqui o que as pessoas nos dizem sobre as suas imagens ou dos seus pais vai variando muito de dia para dia, a memória confunde-se muito com a imaginação e nós projectamos muitas coisas nossas nos filmes dos outros”, nota Inês. Afinal, o trabalho dos artistas que foram convocados para fazer parte da mostra não está assim tão longe do das pessoas.

A Traça quer ir habitando os bairros da cidade, trabalhando as memórias e misturando-as com outras áreas artísticas. Na primeira edição, convidaram sete realizadores, abriram-lhes o arquivo “para criarem objectos novos” – sete curtas-metragens – a partir dos velhos filmes para manter o arquivo “vivo e em movimento”. Agora, são as artes performativas. Pela mão do Espaço Alcantara, o teatro e a dança contemporânea foram trazidos para o evento por oito artistas que trabalharam seis peças a partir dos filmes de família.

## A importância da memória

A memória como construção foi o caminho que a actriz Isabel Abreu quis explorar na peça que criou para a Traça, *Até Descobrir o Voo no Mar*.

Quando Isabel Abreu viu as imagens do arquivo de Maria Manuela Sousa, deteve-se na imagem de um pai e filha que brincavam na praia, com mergulhos repetidos no mar.

A actriz, que teve aqui oportunidade de estar no papel de criadora pela primeira vez, quis explorar a força da repetição na sedimentação da nossa memória. A esse pai e filha, projectados na tela em *loop*, Isabel juntou-lhe depoimentos que recolheu junto de moradores da Madragoa.

Pelos palcos do bairro como o Centro Comunitário da Madragoa, o Instituto Hidrográfico, o Espaço Alcantara, ou o Palácio do Machado, além de Raquel André e Isabel Abreu, vão passar Alex Cassal, Sofia Dinger, Sofia Dias & Vítor Roriz e Jorge Silva Melo & Miguel Aguiar que se misturam nas próprias histórias, constroem e desmontam memórias. Afinal, quantas interpretações po-

dem ter as velhas lembranças que estiveram anos guardadas em caixas no sótão da nossa memória?

Algures no tempo, os da terra, ou os que estavam de passagem, eternizaram a Madragoa em imagens. Agora, a Traça chega para as mostrar a quem ainda lá está, mas também a quem continua só de passagem. Foi assim há dois anos no bairro do Castelo, continuará a ser assim num outro bairro, para descobrir a cidade que está nestes filmes.

“Há dezenas de colecções à espera de serem digitalizadas”, diz Fátima Tomé, depois de há uns anos Joaquim Mendes, que era projeccionista na Videoteca (integrada no Arquivo Municipal de Lisboa em 2011), ter começado a transcrever as bobinas que muitos lhe faziam chegar. Eram filmes “órfãos”, arrumados num canto de um sótão, porque os materiais se tornaram tão obsoletos que deixaram de ter uso. Ou então eram deixados na rua, perdidos em caixotes onde se despejam as coisas dos velhos que morrem.

As imagens foram-se acumulando ao longo dos anos. “Havia imagens misteriosas”, diz Fátima. Era preciso descobrir quem eram aqueles anónimos dos vídeos e por isso a Traça apareceu para tratar os filmes “pela estética e não só pelo documento”, diz Inês Dias.

Além das *performances*, haverá ainda espaço para debates e conversas sobre os filmes, que serão comentados pela escritora Maria Filomena Molder e pelo poeta Daniel Jonas. Amanhã, as exposições de ontem e de hoje serão repetidas. A entrada é livre, mas para assistir aos espectáculos é necessário levantar a senha 30 minutos antes do início, no próprio local.

No meio de horas de imagens perdidas, o desafio agora é que os seus autores, protagonistas ou herdeiros se reconheçam nas vidas que foram gravadas há décadas: “Espera lá, já vi esta cara nalgum sítio.” **com Vera Moutinho**

cristiana.moreira@publico.pt

➔ Ver vídeo em  
www.publico.pt

Destak	Periodicidade:	Diario	Temática:	Sociedade
	Classe:	Informação Geral	Dimensão:	25 cm <sup>2</sup>
	Âmbito:	Nacional	Imagem:	N/Cor
	Tiragem:	56000	Página (s):	2
13-10-2017				



Arquivos familiares em exibição

A TRAÇA - 2ª Mostra de Filmes de Arquivos Familiares, organizada pelo Arquivo Municipal de Lisboa - Videoteca em colaboração com o Alcantara, realiza-se a partir de hoje, e até domingo, no Bairro da Madragoa.





Um pormenor do ensaio de Alex Cassal, um dos artistas convidados para trabalhar os filmes caseiros do Arquivo Municipal de Lisboa

## Artistas esmiúçam arquivos familiares de gente de Lisboa

**Mostra.** Seis performers trabalharam coleções de filmes familiares que estão guardados no Arquivo Municipal de Lisboa. O resultado pode ser visto na Madragoa hoje, amanhã e domingo

LINA SANTOS

Traça – Mostra de Filmes de Arquivos Familiares é um encontro, entre registos de imagens caseiros e performers, entre o Arquivo Municipal de Lisboa – Videoteca (AML) e o Espaço Alcantara. O encontro deu-se “literalmente, na Madragoa”, responde Thomas Walgrave, diretor artístico do Espaço Alcantara, sediado neste bairro lisboeta, que recebe hoje, amanhã e no domingo a segunda edição deste projeto.

Inês Sapeta Dias, uma das responsáveis, explica as premissas da biennial Traça. A primeira foi em 2015, no Castelo de São Jorge. “Vamos ocupando sempre um sítio diferente da cidade, onde espalhamos estes filmes, em espaços importantes para as comunidades desses territórios.” Na Madragoa, o ponto de encontro é o centro comunitário, as sessões e performances espalham-se por outros locais emblemáticos como a Sociedade Guilherme Cossoul, o Museu da Marioneta, o Instituto Hidrográfico, a Torre da Flor da Selva, o Palácio Machadinho ou o próprio Espaço Alcantara.

A segunda premissa do projeto, explica Inês Sapeta Dias ao DN, é “trabalhar sempre com artistas de zonas artísticas diferentes, entregando imagens para que as trabalhem e criem novos objetos com elas”. No primeiro ano, foram realizadores, neste ano artistas da zona das artes performativas: Alex Cassal, Sofia Dinger, Sofia Dias & Vítor Roriz, Raquel André, Isabel Abreu e Jorge Silva Melo & Miguel Aguiar. “Fiz uma longa lista de artistas que trabalham memória, arquivo ou com uma ligação profunda com a cidade”, conta Thomas Walgrave. O ponto de partida foi um *workshop* de três dias em que viram o material pela primeira vez. Depois, cada um fez o seu trabalho de casa, nota Thomas Walgrave. “Alguns ficaram com vontade de aprofundar o material que viram no *workshop*, a Isabel Abreu fez pesquisa no campo”, elenca.

Os artistas convidados trabalharam as coleções de filmes de Maria Manuel de Sousa (Lapa, anos 1950), Acácio de Carvalho (Madragoa, anos 1990) e Luísa Crick (Lisboa, anos 1950 a 1980). A coleção de Acácio de Carvalho resultou de uma

procura ativa do Arquivo na Madragoa. “Acreditamos que mais vão surgir depois da mostra”, afirma Fátima Tomé, outra responsável da Traça.

“O trabalho incrível que a Fátima e a Inês fazem é muito mais do que engraçado. É perceber que a cidade é o que é porque tem esta relação com o passado, que não são só os desfiles da rainha da Inglaterra, mas também os bastidores, a história íntima, o homem que filma e não a mulher, ou quando é a mulher isso ser quase revolucionário. O que é que isto quer dizer? Eu aprendi muito sobre a cidade olhando os filmes”, afirma Thomas Walgrave.

**Filmes de família como no cinema**  
Nesta edição, uma das propostas é um percurso pelo bairro com filmes de origem desconhecida que vão ser exibidos em locais como o Regimento de Sapadores de Bombeiros, Esperança Atlético Clube ou Vendedores de Jornais Atlético Clube. “Que o visitante ocupe o lugar do arquivista e que nesses filmes que vão estar espalhados por todo o bairro comece a identificar ligações entre as pessoas”, desafia Inês Sapeta Dias. “Estes filmes chegaram-nos

desarrumados aqui ao arquivo”, conta Inês Sapeta Dias. “Foram encontrados em feiras, no lixo, sótãos, outros já estavam acumulados aqui na videoteca e foram digitalizados de modo bastante improvisado. Isto não era o arquivo oficial.”

Essa é a génese deste arquivo de filmes familiares que agora está nas mãos do AML. “As pessoas já não conseguem ver os filmes e um projecionista que trabalhava cá fazia esse trabalho para poderem voltar a vê-los”, continua Inês Sapeta Dias. “Devolvía-os às pessoas sem ficar com grandes notas sobre eles”, continua a responsável, explicando que um dos trabalhos é agora encontrar estas pessoas – os autores, protagonistas ou herdeiros. “Muitas delas já estão encontradas, mas ainda faltam algumas, e são esses filmes que vamos espalhar pela Madragoa.”

“É a memória íntima da cidade, faz um retrato do passado, que escapa a qualquer fonte oficial”, nota Thomas Walgrave, a propósito deste material. Reforça Inês: “É a dobra da história.” Começa hoje às 17.30 no Centro Comunitário da Madragoa.

### PROGRAMA

#### Hoje

17.30 | Percursos com moradores  
17.30 | Anatomia do gesto  
instalação vídeo (Cossoul)  
17.30 | Filmes de origem desconhecida (em contínuo)  
19.00 | Conversa território  
21.00 e 21.30 | Alex Cassal  
*Fantasma* (Capítulo 1)  
(Instituto Hidrográfico)  
21.00 | Sofia Dinger  
*Histórias de Um Amor*  
(Espaço Alcantara)  
21.30 | Proj. da coleção Luísa Crick  
21.45 | Sofia Dias & Vítor Roriz  
*De um Lado e do Outro*  
(Espaço Alcantara)  
21.45 | Raquel André  
*Rua de São Félix* (I. Hidrográfico)  
22.30 | Isabel Abreu  
*Até Descobrir o Voo no Mar*  
(Centro Comunitário da Madragoa)  
22.30 | Jorge Silva Melo  
& Miguel Aguiar  
*Eu Fui Mexer nas Coisas Todas*  
(Palácio do Machadinho)

#### Amanhã

17.00 | Anatomia do gesto,  
instalação vídeo até às 21.30  
17.00 | Filmes de origem desconhecida (em contínuo)  
18.30 e 19.00 | Alex Cassal  
*Fantasma* (Capítulo 2)  
18.30 | Sofia Dinger  
*Histórias de um Amor*  
18.45 | Projecção da coleção  
Acácio de Carvalho  
19.20 | Sofia Dias & Vítor Roriz  
*De um Lado e do Outro*  
19.20 | Raquel André  
*Rua de São Félix*  
19.45 | Projecção de filmes de origem desconhecida, comentada por Maria Filomena Molder  
21.15 | Projecção da coleção  
Maria Manuela de Sousa  
21.30 | Isabel Abreu  
*Até Descobrir o Voo no Mar*  
21.30 e 22.00 | Jorge Silva Melo  
& Miguel Aguiar  
*Eu Fui Mexer nas Coisas Todas*  
22.30 | Projecção com as leituras,  
por Daniel Jonas (Cossoul)

#### Domingo

16.00 | Anatomia do gesto (Cossoul)  
16.00 | Filmes de origem desconhecida (em contínuo)  
16.00 | Isabel Abreu  
*Até Descobrir o Voo no Mar*  
16.45 | Sofia Dias & Vítor Roriz  
*De um Lado e do Outro*  
17.30 e 18.00 | Alex Cassal  
*Fantasma* (Capítulo 3)  
18.30 | Raquel André  
*Rua de São Félix*  
19.15 | Sofia Dinger  
*Histórias de Um Amor*  
(Espaço Alcantara)  
20.00 e 20.30 | Jorge Silva Melo  
& Miguel Aguiar  
*Eu Fui Mexer nas Coisas Todas*  
(Palácio do Machadinho)  
20.30 | Jantar Comunitário  
(Lavadouro das Francesinhas)  
21.30 | Conversa performance/arquivos familiares  
(Lavadouro das Francesinhas)



Periodicidade: Diária

Classe: Informação Geral

Âmbito: Nacional

Tiragem: 80000

Temática: Cultura

Dimensão: 1802 cm<sup>2</sup>

Imagem: S/PB

Página (s): 34/35



Festival

## TRAÇA. História(s) são todas

À segunda edição, a TRAÇA - Mostra de Arquivos Familiares muda-se para a Madragoa para três dias de viagem por uma série de filmes de família – e um conjunto de performances construídas sobre essas coleções

CLÁUDIA SOBRAL  
claudia.sobral@ionline.pt

"Perder uma fotografia é perder um momento duas vezes." Palavras de Daniel Jonas no poema "Nostalgia" ("Passageiro Frequente", ed. Língua Morta, 2013) que hão de servir tão bem aqui quanto as de Luísa Crick depois do revisitar das imagens de arquivo da sua família que a levou à TRAÇA - Mostra de Arquivos Familiares, que nesta segunda edição se espalha, entre hoje e domingo, pelo bairro da Madragoa: "Se uma imagem vale mil palavras" – diz ela a quem pertence uma das três coleções particulares que deram origem à programação – "façam-se as contas a 24 imagens por segundo".

Pois não será sobre fotografia a TRAÇA, antes sobre os filmes de família que foram chegando ao espólio do Arquivo Municipal de Lisboa-Videoteca – alguns deles de origem desconhecida. "Imagens produzidas em casa, normalmente feitas para serem vistas aí", notam as programadoras, Inês Sapeta Dias e Fátima Tomé, que numa programação de três dias as recuperam num gesto de trazer o privado para a história da cidade. Histórias dentro de histórias para ajudar a construir "uma outra história". O privado e "o obliterado, o censurado, o que não constitui o acontecimento" – o banal que de banal terá pouco, havemos de perceber, até porque são justamente os arquivos de origem desconhecida – filmes perdidos, esquecidos e reencontrados, a fazerem-nos questionar que relação temos com a memória afinal – que Maria Filomena Molder comentará, nas projeções por vários locais do bairro, sobre as quais também Daniel Jonas fará leituras encenadas.

Uma outra história que se constrói num desmultiplicar de olhares e de vozes que na TRAÇA aparece como a face visível do trabalho que nos últimos anos vem fazendo a Videoteca do Arquivo Municipal de Lisboa, a partir de registos que remontam à década de 1930 e que viajam no tempo, atravessando formatos, dos 9,5mm às VHS da década de 1990 em que nos chegam, por exemplo, os arquivos de Acácio de Almeida que, em conjunto com os de Maria Manue-



02

la de Sousa e de Luísa Crick, constituem o ponto de partida para a programação desta segunda edição da mostra que acontece a cada dois anos num novo bairro de Lisboa.

Para domingo à noite está marcada na Madragoa uma conversa/performance a partir de um conjunto de arquivos de vídeos familiares, mas isso será só o final. Entretanto, a partir de hoje, um conjunto de artistas convidados em parceria com o festival de artes performativas Alcantara fazem-se também arquivistas, historiadores, ao apresentar uma série de performances/espetáculos construídos a partir dessas três coleções um pou-

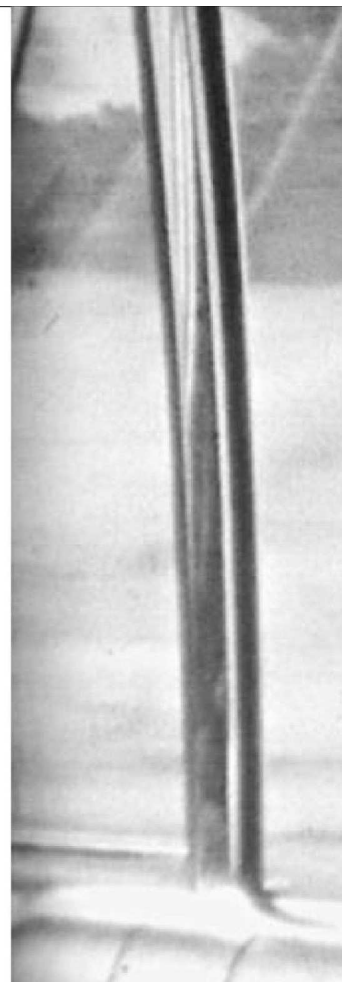
"São muitos os filmes que nos têm chegado (temos uma recolha aberta em permanência)"

"Continuam a chegar-nos latas de película compradas em feiras, descartadas por aqueles a quem pertenceram"

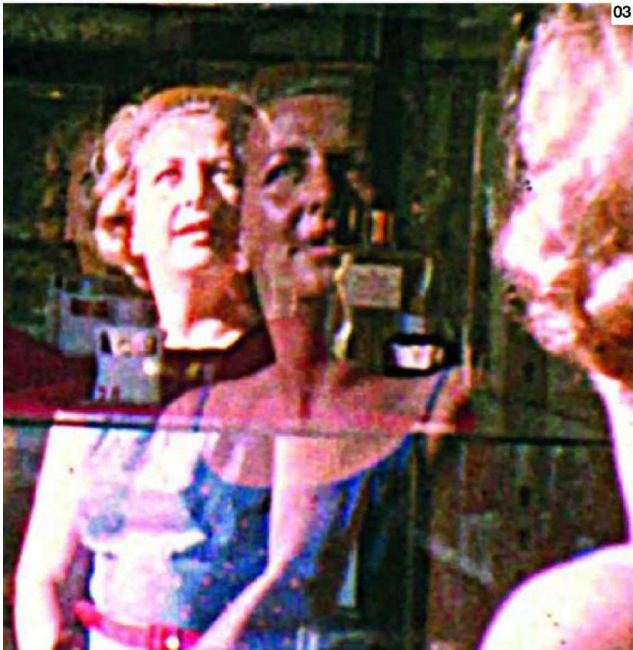
co por todo o bairro, do Centro Comunitário da Madragoa aos Vendedores de Jornais Futebol Clube.

Além de filmes de família projetados por toda a parte, haverá então para ver ainda "Fantasmas", do brasileiro Alex Cassal, "Até eu descobrir o voo no mar", de Isabel Abreu, a partir de depoimentos recolhidos na Madragoa e de uma história de Dulce Maria Cardoso, "Eu fui mexer nas coisas todas", de Jorge Silva Melo e Miguel Aguiar, a partir de um depoimento de Maria Manuela de Sousa, e ainda "Rua de São Félix", de Raquel André, "De um lado e do outro", de Sofia Dias e Vitor Roriz, e "Histórias de um amor", de Sofia Dinger.

"Estamos ainda no início deste trabalho e se são muitos os filmes que nos têm chegado (temos uma recolha aberta em permanência) continuam também a ser muitas as imagens perdidas", sublinham as programadoras, lembrando estatísticas que estimam que apenas 1% dos filmes de família em todo o mundo estão "a salvo". "Continuamos a ouvir pessoas dizerem-nos que os seus filmes não têm interesse, continuam a chegar-nos latas de película compradas em feiras, encontradas na rua, descartadas por aqueles a quem pertenceram", dizem elas que veem como "misteriosas as razões deste descarte".



i	Periodicidade: Diária	Temática: Cultura
	Classe: Informação Geral	Dimensão: 1802 cm <sup>2</sup>
	Âmbito: Nacional	Imagem: S/PB
	Tiragem: 80000	Página (s): 34/35
13-10-2017		



01 Frame de um dos filmes familiares de origem desconhecida do arquivo da Videoteca que serão exibidos nesta TRAÇA

02 "Ver-me tão jovem, a minha filha bebé, obrigou-me a fazer um esforço de memória, relembrar amigos e episódios esquecidos", comentou Luísa Crick sobre este vídeo da sua coleção

03 e 04 Dois registos da coleção de Maria Manuela de Sousa, que, a par das de Luísa Crick e Acácio de Carvalho, constituíram a base de criação das performances que os artistas convidados apresentam entre hoje e domingo na Madragoa